

EXPERIENCIA SOBRE O RACISMO NA PRÁTICA DO RESIDÊNCIA PEDAGOGICA NA ESCOLA CAMPO

Nicoli Maiara Hoffmann de Oliveira ¹
Pablo Natan de Mello ²

INTRODUÇÃO

A instituição escolar é um espaço de formação que permite a construção ou desconstrução de representações sociais relacionadas a gênero etnia e orientação sexual. A interação que ocorre dentro da escola influi fortemente a formação das crianças que aprendem neste espaço a se posicionar diante dos desafios do mundo dos outros, a tomar decisões, a viver em comunidade. As questões raciais são temas particularmente difíceis de tratar na educação infantil e nos anos iniciais.

O tema da questão racial é bastante delicado, especialmente quando se trata da primeira infância ou da educação infantil, inclusive se prolonga aos anos iniciais. Muitos profissionais da área acreditam que não existe discriminação racial nessa fase. No entanto, durante a experiência da autora deste trabalho na educação infantil, foram identificados diversos casos marcantes de discriminação racial, os quais não puderam ser combatidos devido à falta de orientação adequada.

1 METODOLOGIA

O presente trabalho tem por objetivo apresentar o relato de experiência da prática escolar a partir do Residência Pedagógica. A Residência Pedagógica é um programa de formação de professores no contexto da educação superior. Ele foi criado no Brasil como parte do Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e é gerenciado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em parceria com universidades e escolas de educação básica. O programa tem o objetivo de aprimorar a formação de futuros professores e melhorar a qualidade da educação básica no país.

O relato de experiência terá enfoque na apresentação de um projeto desenvolvido, a partir da observação de racismo dentro de sala de aula. A turma que trabalhamos é um segundo ano de uma escola pública do município de Erechim, Rio Grande do Sul. A criação do projeto: "Trabalhando as Diversidades" foi extremamente desafiador, abordar temas que envolvam a realidade dos estudantes sempre é necessário, porém, o enfoque das atividades era a busca da sensibilização. Os resultados foram muito satisfatórios, podemos perceber ao longo das atividades o envolvimento dos estudantes e a participação ativa e humanista dos mesmos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Docentes e pesquisadores de áreas diversas têm se dedicado a evidenciar os traços do racismo presentes no ambiente escolar, desde os insultos e brincadeiras em sala de aula entre os estudantes, até o comportamento do professor e o material

¹ Graduanda do 6º semestre do Curso de Pedagogia – URI Erechim, bolsista do Residência Pedagógica – nicolihoffmann9999@outlook.com

² Graduando do 6º semestre do Curso de Pedagogia – URI Erechim, bolsista do Residência Pedagógica – pablomello21@gmail.com

didático utilizado na escola. No que diz respeito à educação infantil, alguns autores também têm se dedicado a compreender como as crianças podem reproduzir o racismo na interação com seus colegas e como até mesmo um simples ato de uma professora pode perpetuar um ciclo de submissão e inferioridade dos negros em relação aos brancos.

Na sua pesquisa de mestrado, Cavalleiro (2000) mergulhando em uma escola pública de educação infantil em São Paulo, conseguiu observar várias situações em que crianças negras eram menosprezadas e humilhadas. E tais comportamentos não eram exclusivos das crianças; as professoras também utilizavam palavras que desmotivavam e transmitiam uma sensação de inferioridade das crianças negras em relação às brancas.

A autora conseguiu observar que o racismo se manifestava nas brincadeiras das crianças quando se tratava de disputa de poder e até mesmo no momento de permitir que uma criança negra participasse das brincadeiras com as outras. Uma das crianças relatou para a pesquisadora que as demais só brincavam com ela quando ela levava algum brinquedo. Além disso, as crianças utilizavam a cor da pele para ofender, dizendo às crianças negras que elas eram pretas porque não tomavam banho ou que "preto tem que roubar mesmo" (CAVALLEIRO, 2000).

Dentre as professoras, a manifestação do racismo estava presente na forma como elas interagiam com crianças negras. Uma das professoras havia apelidado duas crianças mais agitadas de "filhotes de São Benedito", enquanto outra professora fazia elogios diferenciados a alunos brancos e negros. Os alunos brancos eram elogiados pelos aspectos relacionados à sua humanidade, sendo considerados bons, inteligentes ou espertos. Por outro lado, os alunos negros recebiam elogios apenas em relação às tarefas que cumpriam (CAVALLEIRO, 2000).

A escola acaba se constituindo em mais um *locus* de conformação da criança negra como subalterna, num círculo vicioso de sujeição e submissão.

Sendo um espaço social no qual as crianças passam um tempo significativo do seu cotidiano interagindo com outros sujeitos, parece pertinente pensar na escola como foco privilegiado das práticas sociais. Como tal, a escola se constitui como espaço de formação identitária dessas crianças, bem como dos demais sujeitos do cotidiano escolar, considerando que as identidades são dinâmica e continuamente (re) construídas nas relações sociais [...] (LIMA, 2010, p. 3).

Ortiz (2007) demonstrou a reprodução do racismo no colégio a partir do instante que as crianças passam a escolher as características físicas, as palavras depreciativas e referências negativas ao se referirem às crianças negras. Corroborando com Cavalleiro (2000), Ortiz afirma que os professores se silenciam à frente dessas situações, reprimindo a estudante negra embora se defenda, contribuindo, assim, para a imitação da discriminação racial na escola.

As crianças brancas logo descobrem o poder de suas palavras e de seus xingamentos, as referências negativas à cor da pele (neguinha, carvão) e ao cheiro (fedorenta), associam a cor preta à sujeira (não toma banho) e as usam principalmente como uma arma em situações de disputa, de conflito. Como não são repreendidos pelos professores, acabam reproduzindo a situação inúmeras vezes, como que autorizados por eles. Por outro lado, as crianças negras tendem a silenciar cada vez mais e a fugir das situações de conflito e de disputa, isolando-se (ORTIZ, 2007).

Dessa maneira, o pedagogo exerce um cargo essencial na (re)construção das identidades individuais e coletivas dos educandos. Nesse sentido, é importante que ele tenha espaços para discutir sobre o acontecimento que propicia a perpetuação de relações desiguais e discriminatórias, se apropriando de elementos teóricos e práticos que possibilitem uma interferência consciente em todos os níveis de instrução.

Realizamos nossa prática no 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual do município de Erechim – RS. Desde os primeiros dias em sala de aula percebemos que a turma era muito agitada e que havia bastante intrigas entre os estudantes.

Nos primeiros dias sentamos ao fundo da sala observando a turma e a professora. A turma foi muito acolhedora e a professora também. A partir da observação aproveitamos a semana do dia 22 de agosto de 2023 para trabalhar sobre o folclore com a turma. Começamos o projeto do folclore começando com a contação da Lenda do Saci. Nesta turma há um aluno negro que logo no início da história se identificou com a personagem principal por causa do tom de pele do Saci. A princípio ficamos felizes por o aluno se identificar com a personagem, porém isso virou uma discussão e alguns colegas começaram a associar a imagem do Saci com a do colega.

Paramos a contação de história para conversar com eles sobre o que estava acontecendo ali na sala de aula. Entramos em debate sobre o preconceito e a partir disso sobre o racismo. Preconceito consiste em uma atitude hostil que pode ser direcionada a um grupo como um todo ou a uma pessoa em função da sua pertença a um grupo social (ALLPORT, 1971)

Queríamos entender um pouco sobre a turma em relação ao racismo e sobre os seus conhecimentos a partir do assunto. Alguns alunos nos contaram que quando o colega entrou na turma muitos estudantes não chegavam perto dele e quando encostavam no aluno, lavavam as mãos para não se “sujar”. Ficamos abismados com os relatos das crianças e a partir disso começamos a pensar sobre o que faríamos para trabalhar essa questão com os estudantes. É preciso que as práticas docentes busquem reconhecer a diversidade e enfatizar as diferenças de forma positiva, como aponta a abordagem multicultural, e que sejam discutidas, ainda na formação docente, intervenções eficazes para a diminuição do preconceito (RUTLAND; BROWN, 2005)

Depois de muitas pesquisas sobre o assunto, sentamos e começamos a escrever e a partir disso surgiu o projeto: “Trabalhando as diversidades”, o projeto iniciou com a contação do livro: O pequeno príncipe preto, do autor Rodrigo França. Neste dia também levamos para os estudantes o livro: O pequeno príncipe, do autor Antoine de Saint-Exupéry. Realizamos uma comparação das duas histórias e entramos em debate sobre quantos personagens, príncipes ou princesas eles conheciam que eram da cor preta.

Muitos alunos ficaram na dúvida e começaram a se perguntar o porquê de não ter tantos personagens em histórias ou filmes que tivessem como personagem principal uma pessoa de cor preta.

Após os debates com a turma e a comparação dos dois livros, os alunos foram convidados a enfeitarem coroas de príncipes e princesas. Todos se animaram e coloriram suas coroas, após auxiliamos os alunos a colocarem suas coroas e todos se olharam e conversamos com eles que todos somos príncipes e princesas e que todos somos diferentes, mas precisamos ser respeitados da mesma maneira. O reconhecimento de que o racismo está presente nos discursos e nas práticas escolares é importante para promover uma educação antirracista, e o primeiro passo para que isso aconteça é entender que essas práticas refletem uma ideologia maior,

que defende que sujeitos ocupam uma posição de inferioridade em relação a outros (RIEDEMANN; STEFONI, 2015).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após realizarmos o projeto: Trabalhando as diversidades, percebemos que a turma começou a interagir melhor. A turma que logo no início era bem agitada, demonstrou interesse no projeto e quando entrávamos na sala de aula para a aplicação dos planos, conseguíamos perceber que eles nos recebiam de uma forma mais acolhedora e conseguíamos a atenção deles para as demandas necessárias.

A escola é responsável pelo enfrentamento do preconceito nos seus espaços, e isso só é possível com a adoção de mudanças concretas que possibilitem o surgimento de novos valores e a construção de novas práticas (GOMES, 2005). A escola possui esse papel social, pensando a partir disso conseguimos combater preconceitos que são vistos fora dos portões da escola.

A turma no qual trabalhamos conseguiu compreender que todos nós merecemos respeito e que apesar de todos sermos diferentes nós precisamos ser tratados da mesma maneira. Ficamos muito felizes ao ver a turma evoluir junto com o nosso grupo do Residência Pedagógica.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, podemos ressaltar que o trabalho realizado na escola acarretou muito para a nossa formação em Licenciatura em Pedagogia. Até o momento não tínhamos lidado com uma situação assim dentro das escolas que atuamos, a prática que se deu a partir do Residência Pedagógica fez com que nós como profissionais amadurecêssemos cada dia mais.

Desde o início a turma nos desafiou muito, porém eles nos acolheram muito bem e utilizamos o afeto e o cuidado para poder ensinar e poder auxiliar os estudantes na sua vida escolar e na sua vida pessoal. A escola, que é um dos lugares fundamentais para a construção da identidade do indivíduo (FERREIRA; CAMARGO, 2011).

Acreditamos na educação humanizadora e conseguimos utilizar diversas metodologias ativas em nosso projeto. Observando conseguimos ver que fizemos a diferença e que conseguimos cumprir nosso papel social dentro da escola.

REFERÊNCIAS

- ALLPORT, G. W. **La naturaleza del prejuicio**. 4. ed. Buenos Aires: Eudeba Universitaria, 1971.
- CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.
- GOMES, N. L. **Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação**. In: MUNANGA, K. (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. Brasília, DF: MEC, 2005. p. 143-154.
- LIMA, M. B. **Infância afro-brasileira e cotidiano escolar: reflexões necessárias**. In: *Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade*, 4, 2010, Laranjeira, SE. [Anais eletrônicos...] Laranjeira, SE, 2010. Disponível em: <http://www.educonufs.com.br/IVcoloquio/cdcoloquio/eixo_01/E1-40.pdf>. Acesso em 28 de agosto de 2023.

ORTIZ, C. **Só não enxerga quem não quer: racismo e preconceito na Educação Infantil.** Revista Educarede, 13 nov. 2007 Disponível em: <http://www.educared.org/educa/index.cfm?pg=revista_educarede.especiais&id_especial=284>. Acesso em 28 de agosto de 2023.

RIEDMANN, A.; STEFONI, C. **Sobre el racismo, su negación y las consecuencias para una educación anti-racista en la enseñanza secundaria chilena.** Polis, Santiago, v. 14, n. 42, p. 191-216, 2015.

RUTLAND, A.; BROWN, R. **Reducing prejudice in children: extended report.** PhD Thesis of Lindsey – University of Kent, 2005.